

Resumo: Este artigo apresenta os resultados finais de um estudo que reúne três gerações de bibliotecários/as num grupo de foco para debaterem as mudanças atuais dos comportamentos informacionais, nomeadamente os dilemas éticos introduzidos pelas novas temporalidades da informação na memória e morte digitais. As áreas de investigação prioritárias identificadas foram: (1) Perspetivas éticas, (2) Literacia digital, (3) Gestão de informação pessoal e (4) Espaço biográfico. As práticas de memorialização foram consideradas necessárias, especialmente as memórias digitais e o *storytelling* digital na fase *perimortem*, os *e*-obituários e a memorialização *online*. A gestão dos legados digitais foi considerada uma área de negócio emergente para a qual se considera ser necessário existir normas e curadoria de informação, enquanto garantia da integridade e da identidade digital. As interações tecnológicas anteriormente referidas assumem para este grupo um elemento de autorrepresentação da identidade digital imortal.

Palavras-chave: Comportamento informacional; Ética da informação; Memória digital; Morte digital.

Abstract: This article presents the final results of a study that brings together three generations of librarians in a focus group to discuss the current changes in informational behaviours, namely the ethical dilemmas introduced by the new information temporalities in digital memory and death. Four priority areas for research were identified: (1) Ethical perspectives, (2) Digital literacy, (3) Personal information management and (4) Biographical space. Memorialization practices were considered necessary, especially digital memories and digital storytelling in the *perimortem* phase, *e*-obituaries and online memorialization. The management of digital legacies was regarded as an emerging business area which needs to be addressed with standards and information curation, as a guarantee of integrity and digital identity. The *focus* group also considered technological interactions as an element of self-representation of immortal digital identity.

Keywords: Information behaviour; Information ethics; Digital memory; Digital death.

Introdução

Uma das áreas de investigação transdisciplinar da Ciência da Informação desenvolvida no CHAM - Centro de Humanidades¹ estuda as interações tecnológicas e a sua influência no comportamento informacional (o estudo das formas como as pessoas necessitam, procuram, usam e comunicam a informação), no desenvolvimento de competências de literacias de informação e nas práticas existentes de curadoria digital a título individual. Nesse sentido, tem sido dada especial atenção ao estudo das questões éticas da informação e às novas questões colocadas pelo alargamento temporal do espaço biográfico e memórias

¹ NOVA FCSH – Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores.

mediadas na morte digital de que são exemplo os estudos recentes de Ochôa e Barata (2018) sobre os/as profissionais de informação documentação ou o nosso estudo (OCHÔA e PINTO, 2019) sobre os principais temas emergentes identificados por bibliotecários/as.

As questões éticas da informação são particularmente importantes na análise da cultura da conectividade e das vulnerabilidades que provocam. Se considerarmos que as atividades *online* são atividades e experiências existenciais, nos mais variados âmbitos do quotidiano, devemos investigar os novos posicionamentos éticos na procura e criação de sentido da vida (LAGKERVIST, 2018), colocando questões como: *O que significa ser humano numa época hiperconectada onde a primazia reside nas interações?* (FLORIDI, 2014) ou *O que somos através dos dados?*

Os limites temporais da duração da interação tecnológica, como o direito a ser esquecido, a necessidade de esquecer e a necessidade de desconectar, interrompendo a permanência da comunicação nas redes sociais e optando pelo silêncio e ausência, são também objeto de questionamento (LAGKERVIST, 2018; HOSKINS, 2014).

Os limites biográficos e da memória, das suas interações e agregações numa memória em rede (HOSKINS, 2009; READING, 2011), aberta à exploração de várias formas de relembrar (Erl, 2010), constituem igualmente desafios de investigação, onde se destacam:

- A autorrepresentação escrita, visual e quantitativa usando as tecnologias (RETTBERG, 2014), enquanto tipologia digital de *biografias duráveis* (WALTER, 2015) e ilimitadas.
- O uso de dados acessíveis e móveis para narrar a vida, recolhidos por sensores vários – *Lifelogging* (SELLEN e WHITTAKER, 2010; GURRIN, SMEATON e DOHERTY, 2014), potenciador da recuperação sem limites de conteúdos, contextos e ligações.
- A reconceptualização do Humano e da pluralidade de formas de ser através do realce dado aos corpos mediáticos e às tensões entre a sua hibridização, os seus dados digitais e as identidades digitais (BOLLMER, 2013), num processo de teorização da memória mediada e de uma intensa dissolução de fronteiras biológicas, individuais, sociais, públicas e culturais (LAGKERVIST, 2016).
- A abertura do espaço biográfico ao pós-humano (HUFF, 2017) e a alternativas do Eu (BRAIDOTTI, 2013).
- O uso da memória digital mediada enquanto instrumento de autoformação (VAN DIJCK, 2007; GARDE-HANSEN, READING e HOSKINS, 2009), coesão, significado, continuidade (a *segurança existencial* – LAGKERVIST, 2016) e enquanto formação de identidades digitais sociais, múltiplas, descartáveis (SAVIN-BADEN, 2015), mas registando-se ainda um desconhecimento generalizado sobre o papel ético de cada agente informacional na *infosfera* (FLORIDI, 2011, 2013).
- As novas dimensões do sentimento de perda (SOFKA, CUPIT e GILBERT, 2012; SUMIALA, 2013), o alargamento temporal, espacial e social do luto (BRUBAKER *et al.*, 2013) e da morte, com especial destaque para a experiência da finitude *perimortem* (*experiences of endings* - LAGKERVIST,

2018) e a possibilidade e a tentação da sua suspensão (LAGKERVIST, 2014; BASSET, 2015) através da imortalidade digital. A possibilidade da continuação de uma presença digital ativa após a morte através da inteligência artificial (numa visão de “a two way immortality” segundo SAVIN-BADEN, BURDEN e TAYLOR, 2017) constitui uma nova fonte de ansiedade (BOLMER, 2013) nos diversos *stakeholders* interessados nas fases *Ante Mortem* e *Post Mortem* (GOTVED, 2014), que ancorados ou não numa religiosidade digital dão origem a comportamentos informacionais variados e a novos dilemas individuais e sociais (ZIMMER e KINDER-KURLANDA, 2017).

Por estas razões, o estudo destes dilemas éticos tem incidido na tentativa de caracterização:

- do atual sentimento existencial na comunidade (existential *communitas* – LAGKERVIST, 2013, 2018);
- dos usos da opção por um isolamento tecnológico (*techno-existential closure* – LAGKERVIST, 2018) em que se pretende um corte com a vida *online*;
- das formas de copresença dos/as defuntos/as, através da sua memorialização, gestão dos legados digitais e questões pós-vida (BOLLMER, 2013), presença social póstuma (BOURDELOIE e JULIER-COSTES, 2016) e imortalidade (GRAHAM, GIBBS e ACETI, 2013; BASSET, 2015).

Estas formas de uma cultura memorial *online* (CHRISTENSEN e GOTVED, 2015), desenvolvidas num *continuum* temporal de interações tecnológicas (CHRISTENSEN e SANDVIK, 2014), enquadram experiências, momentos sociais e culturais ligados à morte (HAVERINEN, 2014), necessitando de regras de conduta ética nas redes sociais (WAGNER, 2018), nos vários tipos de exposição virtual das pessoas mortas (ULGUIM, 2018) e nos crescentes negócios em torno delas (OHMAN e FLORIDI, 2018). Numa outra dimensão podem ainda assumir o medo da solidão e do esquecimento, considerado este último por alguns autores como o dilema fundamental entre lembrar e esquecer, manter ou perder, guardar ou apagar informação (VAN DIJCK, 2007; GARDE-HANSEN *et al.*, 2009; LAGKERVIST, 2013), já que os processos de memória estão dependentes da mutabilidade e obsolescência tecnológica, com implicações na preservação digital e curadoria de informação, com especial destaque para a gestão dos legados digitais (GRAY e COULTON, 2013; BASSET, 2015).

A gestão e curadoria da informação está presente também na prevenção das ameaças de *hacking* através de várias medidas para garantir a integridade da informação, desde múltiplas cópias de *back-up* a níveis de *firewalls* e autenticação (SAVIN-BADEN, BURDEN e TAYLOR, 2017).

Todas estas práticas exigem a realização de investigação transdisciplinar, abrangendo estudos sobre a morte (Tanatologia), Comunicação, Cultura, Sociologia, Psicologia e Sociologia da Religião, Teologia Digital, Antropologia, Filosofia Existencial, Medicina, Museologia, Internet, Informática e Ciência da Informação, potenciando a diversidade de abordagens no estudo dos limites éticos e temporais das práticas informacionais. Para Lagkervist (2013), estes estudos são necessários para conhecer as culturas digitais e para colocar questões sobre a liberdade e as necessidades individuais nas interações

tecnológicas e na forma como são usadas, explícita ou implicitamente, para comemoração/luto (individual ou coletivo), criação, arquivo ou curadoria da memória.

Abordagem metodológica geral

Este artigo tem, assim, como objetivo alargar a atual discussão sobre os limites e dilemas éticos da memória e da morte digital, sistematizando os resultados finais de uma investigação sobre práticas memorialistas, mudanças de comportamento informacional e interações tecnológicas de bibliotecárias e bibliotecários portugueses, realizada por uma equipa de investigadoras do CHAM – Centro de Humanidades da NOVA FCSH (2017-2018). Estiveram envolvidos/as num grupo de foco seis profissionais (três homens e três mulheres, pertencentes a três gerações na profissão – 10, 20 e 30 anos de carreira) que selecionaram e debateram áreas de investigação prioritária (OCHÔA e PINTO, 2019):

1. Perspetivas éticas – A abordagem escolhida assentou no estudo do ambiente informacional e nas interações entre pessoas, objetos, serviços e espaços, tendo sido destacado o papel das ontologias digitais, a hermenêutica digital, as dinâmicas de dados digitais (produção, circulação e uso) e a ligação aos objetos digitais.
2. Literacia digital – Os/as profissionais centraram-se no estudo das competências, atitudes e crenças como fatores determinantes para esta fase de mudança no comportamento informacional. Salientaram as competências digitais como práticas sociais.
3. Gestão de informação pessoal – Foi amplamente referida a necessidade de se estudar o modelo de Gestão Pessoal de Informação (WHITTAKER, 2011) para as atividades de aquisição, criação, armazenamento, organização, manutenção, recuperação, uso e distribuição da informação em tarefas, papéis e responsabilidades associadas ao ciclo de vida da informação e a seis categorias informacionais (Jones, 2008): a Informação controlada e possuída pelo indivíduo; a Informação sobre o indivíduo que outros possam possuir ou querer obter; a Informação direcionada ao indivíduo; a Informação enviada para o indivíduo; a Informação já experienciada pelo indivíduo; e a Informação potencialmente relevante para o Indivíduo. Uma outra sugestão foi a de dar atenção ao conceito desenvolvido por Marova (2011) - o *Thanatosensitive Information Management* (TIM) -, que reconhece a informação do indivíduo após a morte, abrangendo tudo o que estiver associado, anexado ou relacionado com as várias fases da vida (contas em redes sociais, transações financeiras, contas correio eletrónico, autoria, etc.).
4. Espaço biográfico – Caracterizado como fragmentado e fluído digitalmente, foi referida a necessidade de se investigar as novas formas biográficas, desde os *blogs*, redes sociais ou *reality shows* até ao relato de interações com animais e máquinas.

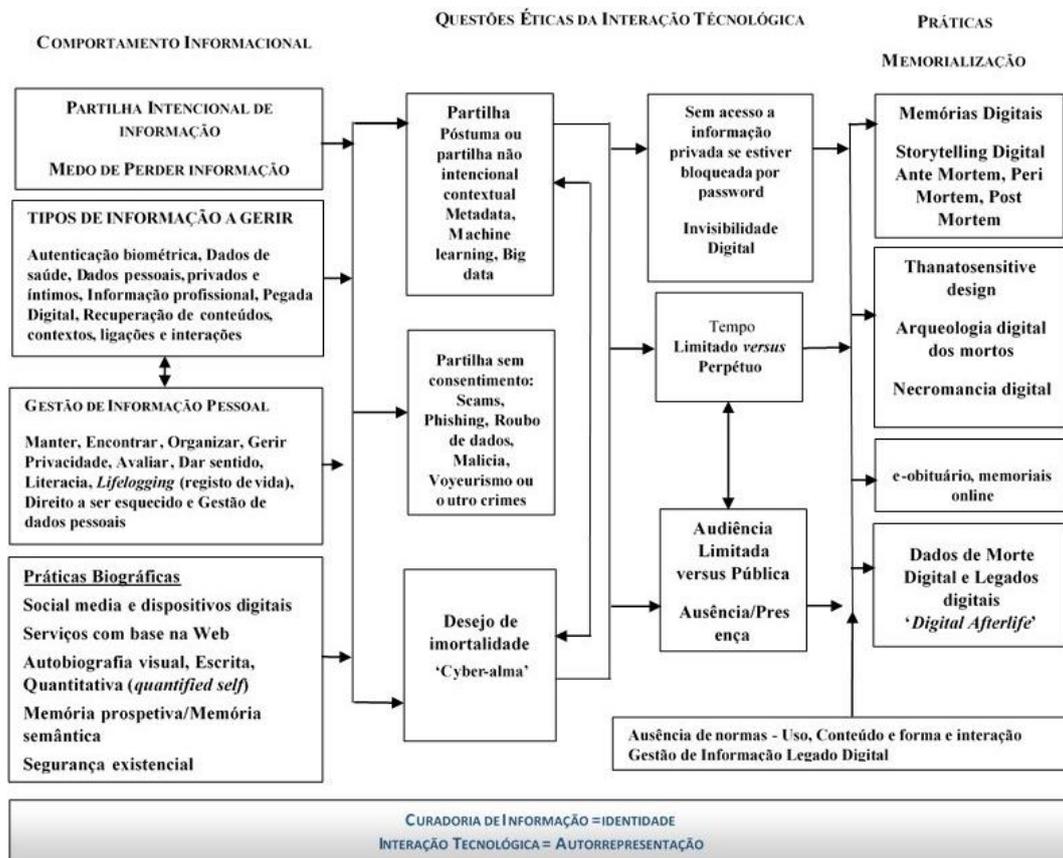
A discussão das mudanças do comportamento informacional das pessoas incidiu sobre algumas questões éticas resultantes de interações tecnológicas após a morte e ainda sem resposta legislativa a nível internacional: *O que pode acontecer se a informação pessoal*

for usurpada? O que pode acontecer quando se torna público o comportamento informacional de um indivíduo e existir difamação sobre alguém? e O que deve ser legislado para cobrir as situações em que não se encontra explícito o que conservar/divulgar após a morte?

Resultados

Adaptando a metodologia conceptual de Wilson (1999) para representar o comportamento informacional, procurou criar-se um modelo (Fig. 1) que sistematizasse e representasse as relações entre o comportamento informacional e as questões éticas apresentadas pelo grupo de foco.

Fig. 1 – Modelo comportamento informacional e novas questões éticas e temporais



Fonte: As autoras.

Numa visão de conjunto, a partilha intencional de informação e o medo de perder informação são as duas modalidades de comportamento informacional que foram apresentadas como determinantes para a existência das interações tecnológicas identificadas e respetivos problemas éticos. Constituem parte da pegada digital a informação pessoal, para a qual é necessário gerir e possuir competências de literacia de informação. Nesta dimensão assumem destaque as práticas biográficas e de gestão de

informação ao longo da vida – *lifelogging* – a par do reconhecimento de uma memória semântica para a sua recuperação. O conceito de segurança existencial, apresentado pelas investigadoras ao grupo, deu sentido àquilo que sentem ser necessário discutir no tocante às razões que levam à preservação da memória de cada pessoa.

No centro do modelo observamos os problemas éticos da usurpação da informação. Reconhecendo os perigos da intrusão da *machine learning*, *big data* e formas várias de partilha sem consentimento foi considerado que a partilha póstuma não intencional, a par da invisibilidade digital provocada pelo desconhecimento da *password* do/a defunto/a, eram os problemas mais frequentes.

As situações ligadas ao tempo (limitado *vs* perpétuo) e à exposição a audiências (restritas ou públicas) e à escolha entre estar ausente ou presente digitalmente, suscitaram divisão de opiniões, com os/as profissionais das gerações mais jovens a preferir a visibilidade digital por opção e possuindo (e achando natural) o desejo de imortalidade.

As questões religiosas foram pouco discutidas, somente surgindo o tema da ciberalma. Outros temas geraram mais debate, como a perspectiva *necromedia* e a perspectiva digital da arqueologia face às pessoas mortas.

Todos/as os/as participantes consideram as práticas de memorialização necessárias, especialmente as memórias digitais e o *storytelling* digital na fase *perimortem*, os *e-obituários* e a memorialização *online*. A gestão dos legados digitais foi considerada uma área de negócios emergente para a qual entenderam ser necessário existir normas e curadoria de informação, enquanto garantia da integridade e identidade. As interações tecnológicas anteriormente referidas assumem para este grupo, um elemento de autorrepresentação da identidade digital imortal.

Conclusão

Este estudo pretendeu colmatar a generalizada ausência de reflexão sobre os posicionamentos éticos emergentes face às atuais mudanças de comportamento informacional, interações tecnológicas e respetivos dilemas na exposição biográfica em vida e após a morte. Constitui uma primeira abordagem realizada junto de profissionais de informação, cujas narrativas e reflexões poderão ter implicações nos cursos superiores, na formação profissional, no código de ética e nos serviços a prestar para satisfazer novas necessidades de gestão de informação. Reflete ainda a importância da curadoria de informação no processo de memorialização e na gestão do legado digital, os quais deverão abranger o *continuum* de interações tecnológicas em vida e na morte digital e as respetivas implicações éticas nas fases de recolha de informação passiva, nas várias interações com sistemas de informação e pessoas, bem como na interação com o mundo físico e objetos digitais.

Finalmente, o presente estudo integra-se na atual discussão académica sobre a abrangência das temporalidades informacionais, desde o ciclo de vida da informação até aos múltiplos usos da informação durante o ciclo de vida das pessoas.

Referências bibliográficas

BASSET, D.

2015 Who wants to live forever? : living, dying and grieving in our digital society. *Social Sciences*. 4 (2015) 1.127-1.139.

BOLLMER, G. D.

2013 Millions now living will never die: cultural anxieties about the afterlife of Information. *Information Society*. 29 (2013) 142-151.

BOURDELOIE, H.; JULIER-COSTES, M.

2016 Deathlogging: social life beyond the grave: the post-mortem uses of social networking sites. In *Lifelogging digital self-tracking and lifelogging: between disruptive technology and cultural transformation*. Org. S. Selke. Berlin: Springer, 2016, p. 129-149.

BRAIDOTTI, R.

2013 *The Posthuman*. Cambridge: Polity Press, 2013.

BRUBAKER, J. R.; HAYES, G. R.; DOURISH, P.

2013 Beyond the grave: facebook as a site for the expansion of death and mourning. *The Information Society*. 29 (2013) 152-163.

CHRISTENSEN, D. R.; SANDVIK. K., org.

2014 *Mediating and remediating death*. Farnham: Ashgate, 2014.

CHRISTENSEN, D. R.; GOTVED, S.

2015 Online memorial culture: an introduction. *New review of hypermedia and multimedia*. 21:1-2 (2015) 1-9.

ERLL, A.

2010 Cultural memory studies: an introduction. In *A Companion to cultural memory studies*. Org. A. Erll, A. Nünning. Berlin: De Gruyter. 2010, p.1-18.

FLORIDI, L., org.

2014 *The Online manifesto: being human in a hyperconnected era*. Berlin: Springer, 2014.

FLORIDI, L.

2013 *The Ethics of information*. Oxford: Oxford Press, 2013.

FLORIDI, L.

2011 The Construction of personal identities online. *Minds and Machines*. 21 (2011) 477-479.

GARDE-HANSEN, J.; READING, A.; HOSKINS, A., org.

2008 *Save as digital memories*. Basingstoke: Palgrave MacMillan, 2008.

GOVTEDE, S.

2014 Research review: death online, alive and kicking! *Thanatos*. 3:1 (2014) 112-126.

GRAHAM, C.; GIBBS, M.; ACETI, L.

2013 Introduction to the special issue on the death, afterlife, and immortality of bodies and data. *The Information Society*. 29:3 (2013) 133-141.

GRAY, S. E.; COULTON, P.

2013 Living with the dead: emergent post-mortem digital curation and creation practices. In *Digital legacy and interaction*. Org. C. Maciel, V. C. Pereira. Berlin: Springer, 2013, p. 31-47.

GURRIN, C.; SMEATON, A. F.; DOHERTY, A. R

2014 Lifelogging: personal big data. *Foundations and trends® in information retrieval*. 8:1 (2014) 1-125.

HAVERINEN, A.

2014 Editorial: the digitalisation of death culture(s). *Thanatos*. 3:1 (2014) 5-8.

HOSKINS, A.

2014 The Mediatization of memory. In *Mediatization of communication*. Org. K. Lundby. Berlin: De Gruyter, 2014, p. 661-680.

HOSKINS, A.

2009 Digital network memory. In *Mediation, remediation, and the dynamics of cultural memory*. Org. A. Erll, A. Rigney. Berlin: Walter De Gruyter. 2009, p. 91-106.

HUFF, C.

2017 After auto, after bio: posthumanism and life writing. *Ajb: autobiographical studies*. 32:2(2017) 279-282.

JONES, W.

2008 *Keeping found things found: the study and practice of personal information management*. San Francisco: Morgan Kaufmann Publishers, 2008.

LAGERKVIST, A., org.

2018 *Digital existence: ontology, ethics and transcendence in digital culture*. London: Routledge, 2018.

LAGERKVIST, A.

2016 Embodiments of memory: toward an existential approach to the culture of connectivity. In *Memory unbound : tracing the dynamics of memory studies*. Org. S. Craps, L. Bond, P. Vermeulen. New York: Berghahn Books, 2016.

LAGERKVIST, A.

2013 New memory cultures and death: existential security in the digital memory ecology. *Thanatos*. 2:2 (2013) 1-17.

MAROVA, K.

2011 *Digital dying in personal information management: towards thanato sensitive information management*. Porto: Universidade do Porto, 2011.

OCHÔA, P.; BARATA, P. J. S.

2018 O Direito a ser lembrado: memória e espaço biográfico na profissão de Informação - Documentação (I-D). *Páginas a&b : arquivos e bibliotecas*. {Em linha}. Série 3, 9 (2018) 46-79. DOI: <https://doi.org/10.21747/21836671/pag9a4>.

OCHÔA, P.; PINTO, L. G.

2019 Biographical space, digital death and information literacy skills: current issues. In ŠPIRANEC, S. et al. - *Information literacy in everyday life: 6th European Conference, ECIL 2018*. Berlin: Springer (2019) p. 307-316.

OHMAN, C.; FLORIDI, L.

2018 An Ethical framework for the digital afterlife industry. *Nature Human Behaviour*. 2 (2018) 318-320.

READING, A.

2011 Memory and digital media: six dynamics of the global memory field. In *On media memory: collective memory in a new media age*. Ed. M. Neiger, O. Meyers, E. Zandberg. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2011, p. 241-252.

RETTBERG, J. W.

2014 *Seeing ourselves through technology: how we use selfies, blogs and wearable devices to see and shape ourselves*. New York: Palgrave Macmillan, 2014.

SAVIN-BADEN, M.

2015 *Rethinking learning in an age of digital fluency: is being digitally tethered a new learning nexus?* London: Routledge, 2015.

SAVIN-BADEN, M.; BURDEN, D.; TAYLOR, H.

2017 The Ethics and impact of digital immortality. *Knowledge Cultures*. 5:2 (2017) 11-29.

SELLEN A.; WHITTAKER, S.

2010 Beyond total capture: a constructive critique of lifelogging. *Commun ACM*. 53:5 (2010) 70-77.

SOFKA, C.; CUPIT, I. N.; GILBERT, K. R.

2012 *Dying, death, and grief in an online universe*. New York: Springer, 2012.

SUMIALA, J.

2013 *Media and ritual: death, community and everyday life*. London: Routledge, 2013.

VAN DIJCK, J.

2007 *Mediated memories in the digital age*. Stanford: Stanford University Press, 2007.

WAGNER, A. J. M.

2018 Do not click “like” when somebody has died: the role of norms for mourning practices in social media. *Social Media + Society*. (Jan.-Mar. 2018) 1-11.

WALTER, T.

2015 Communication, media and the dead: from the stone age to the Facebook. *Mortality*. 20 (2015) 215-232.

WILSON, T. D.

1999 Models in information behaviour research. *Journal of Documentation*. 55:3 (1999) 249-270.

WHITTAKER, S.

2011 Personal information management: from information consumption to curation. *Annual Review of Information Science and Technology*. 45 (2011) 3-62.

WHITTAKER, S. [et al.]

2012 Socio-technical lifelogging: deriving design principles for a future proof digital past. *Human-Computer Interaction*. 27: 1-2 (2012) 37-62.

ULGUIM, P.

2018 Digital remains made public: sharing the dead online and our future digital mortuary landscape. *AP: online journal in public archaeology*. 3 (2018) 153-176.

ZIMMER, M.; KINDER-KURLANDA, K., org.

2017 *Internet research ethics for the social age: new challenges, cases and contexts*. New York: Peter Lang, 2017.

Paula Ochôa | paulatelo@fcs.unl.pt

Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (NOVA FCSH) / CHAM - Centro de Humanidades

Leonor Gaspar Pinto | lgpinto@sapo.pt

Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (NOVA FCSH) / CHAM - Centro de Humanidades